

LAMEGO, FUTURA CIDADE HUMANISTA, SEGUNDO SALVADOR FERNANDES

Na carta ao impressor Antonio Tellez de Toledo, o humanista Salvador Fernandes exorta-o a não esquecer a sua arte, por falta de encomendas de trabalhos impressos.

O impressor é um artista tão hábil que a sua fama pode atrair autores que confirmem à cidade de Lamego a reputação das cidades cultas da Itália, para além das suas belezas naturais.

Isto consta das afirmações de Salvador Fernandes numa carta que acompanha a Oração latina e que o mesmo professor de Direito pronunciou em 1509, provavelmente em Fevereiro, pois o seu cólofon vem datado de 1 de Março de 1509.

Essa Oração é uma saudação do humanista ao 2º marquês de Vila Real, D. Fernando de Meneses, a sua mulher D. Maria Freire, a marquesa, e ao jovem filho de ambos, D. Pedro de Meneses, conde de Alcoutim, na sua entrada em Vila Real.

O texto encontra-se num manuscrito da Biblioteca da Universidade de Coimbra e foi publicado com tradução portuguesa, por A. Costa Ramalho, *Latim Renascentista em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 21993, pp. 98-117.

Sobre Salvador Fernandes e a sua Oração de Vila Real, ver A. Costa Ramalho, *Estudos Sobre o Século XVI*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2ª edição aumentada, 1983, pp. 21-27.

Segue-se a transcrição parcial da carta ao impressor:

Impressori salutem

(...) hac de re te oro ac exoro, ut solitas uires accingas, moramque atque segnitiam Romano animo rumpas. Itaque et te et me in lucem pandas, ne artificiosa gloria tua amplius sepulta iaceat: tua mira opera industriae Lamaecensem ciuitatem magnificasse uideberis, ut praeter dotes mirificas quas habet, celebribus Italiae urbibus exaequetur cum in eius limitibus uir tantae sollertiae (qualis es) inueniatur. Immo moram trahat, qui ferreo stilo

haec et maiora edat. Fac precor operamque da. Quod si feceris, ut fore spero,
tibi per sibyllinos dies obnoxius ero.

Vale.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO E AUGUSTA OLIVEIRA E SILVA

CRISTIANISMO E COSMOPOLITISMO NO SÉC. XVII VERSOS LATINOS CELEBRAM PIONEIRISMO DOS MISSIONÁRIOS JESUÍTAS

*Na passagem de 250 anos sobre a expulsão dos jesuítas de Portugal
(1759)*

Os anos de quinhentos e de seiscentos foram marcados por uma reformulação daquilo a que poderíamos chamar 'consciência do universal'. Quando, na expressão do P. António Vieira, figura emblemática do séc. XVII, o 'mundo se conheceu a si mesmo'¹, parecia chegar o 'momento' em que a igreja de Cristo podia, finalmente, levar à perfeição e ao cumprimento total o seu mandato. Converter tudo e todos à unidade em Cristo. Na leitura daqueles 'sinais' da história, em que Portugal tinha uma missão específica e fundamental, se gerou, em parte, a profecia universalista do P. António Vieira.

A Europa cristã encontra outras civilizações, mundos completamente inexplorados e desconhecidos, bem como civilizações organizadas e complexas, com outra cultura, outro saber e outras religiões. A Companhia de Jesus, associada desde as origens e na linha da frente de grande parte do pioneirismo que caracteriza esta época, completa em 1640 cem anos de existência.

Na carta *De Anno Seculari Societatis*,² Múcio Vitteleschi, o Geral da Companhia recomenda precisamente a celebração desse primeiro centenário com alguma visibilidade pública e solene, a fim de congregar mais

¹ No Sermão de Santo António pregado em Roma, na Igreja dos Portugueses, e na ocasião, em que o Marquês das Minas, Embaxador Extraordinário do Principe N. S. fez a Embaxada de Obediência à Santidade de Clemente X.

² *Epistolae praepositorum Generalium ad patres et fratres Societatis Iesu. Tomus Primus complectens epistolae priorum sex praep. Generalium*, editio altera, Rolarii, 1909. Cfr. p. 389. A carta data de Novembro de 1639.